

Sequência didática com análise dialógica de *A Caverna*, de José Saramago: uma proposta para a formação do leitor no Ensino Médio

Teaching sequence with dialogical analysis of *The Cave*,
by José Saramago: a proposal for a reader training
in High School

 José Anchieta de Oliveira Bentes

 Suelen Pereira Barreto

Resumo: Propõe-se, neste artigo, a criação de uma sequência didática para a análise das valorações presentes na obra “A Caverna” (2000), de José Saramago. A questão da pesquisa é: como escolarizar as valorações predominantes no romance saramaguiano a partir de uma sequência didática para ser aplicada em sala de aula? A análise considera o conceito bakhtiniano de valoração de Volóchinov (2017) e dos estudos de sequência didática a partir de Carvalho e Ferrarezi (2018). Os resultados trazem à tona a proposta de um trabalho pedagógico que se fundamentou nos quinze atos narrativos que estruturam as ações dos personagens da história, os quais apontam para os

José Anchieta de Oliveira Bentes. Doutor em Educação Especial. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) — Mestrado e Doutorado na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br.

Suelen Pereira Barreto. Especialista em Formação de professores para o ensino de Língua Portuguesa e Literaturas pelo Centro Universitário da Amazônia (UNIESAMAZ/2024). E-mail: suelenpereira.03@gmail.com

embates que transmitem as valorações sociais e demandam conflitos, sobretudo, a representação das metáforas do capitalismo e das relações de forças de trabalho.

Palavras-chave: A Caverna; Análise Dialógica do Discurso; Saramago; Sequência Didática; Valorações.

Abstract: This article proposes the creation of a didactic sequence for analysis the valuations present in the work “The Cave” (2000), by José Saramago. The question of the research is: How can we teach the predominant values in Saramago’s novel based on a didactic sequence to be applied in the classroom? The analysis considers Voloshinov’s (2017) Bakhtinian concept of valuation and the studies of didactic sequence based on Carvalho and Ferrarezi (2018). The results are the proposal of the pedagogical work of the fifteen narrative acts that structure the actions of the characters of the literary work, which point to the clashes that transmit the social valuations and demand conflicts, above all, the representation of the metaphors of capitalism and the relations of labor forces.

Keywords: The cave; Dialogical Discourse Analysis; Saramago; Didactic Sequence; Valuations.

Considerações iniciais

Neste artigo, apresentamos uma sequência didática para a análise das valorações predominantes em *A Caverna* (2000), de José Saramago (1922 – 2010). Para isso, sugerimos a leitura da obra por meio do que designamos atos narrativos, entendendo aqui como uma possibilidade de organização composicional do texto, para construir dados que exponham as valorações ou ideologemas emanadas de autoridades públicas, representantes de uma classe dominante, presentes no romance. Isso se tornou possível, pois, “É exatamente como ideologe-

ma que a palavra se torna objeto de representação no romance e, por isso, ele não corre nenhum risco de tornar-se um jogo verbal abstrato” (Bakhtin, 2015, p. 125).

Na seleção composicional do texto, utilizamos a concepção de valoração com base nas contribuições do filósofo russo Valentin Volóchinov (2017), membro do Círculo de Bakhtin, para direcionar a análise sobre a temática “compreendida como um conjunto de tudo que possui significação ou importância para o grupo social” (Volóchinov, 2017, p. 237– 238). Desse modo, consideramos que “o enunciado e a palavra voltam-se para os objetos do mundo orientados pela interação discursiva, pelos interesses das diversas classes sociais e pela ênfase valorativa” (Grillo, 2017, p. 73).

A proposta de sequência didática para a leitura do romance está em uma perspectiva dialógica, explicitando parte da situação social de interação e do conflito ocorrido entre os personagens, respondendo à seguinte questão norteadora: como escolarizar as valorações predominantes no romance saramaguiano a partir de uma sequência didática para ser aplicada em sala de aula?

Em síntese, como resultados da pesquisa, apontamos: uma proposta de sequência didática que reflita o texto, estabelecendo conexões entre o eu — docente — e os outros — discentes — no meio social — comunidade escolar —, a fim de realizar uma aula dialógica que represente as valorações na escrita saramaguiana.

Em vista disso, para ampliar a interpretação crítica e a participação dos (as) discentes do terceiro ano do ensino médio, o (a) docente poderá desenvolver as práticas textuais no estilo da redação do ENEM. É fundamental que os jovens experimentem práticas de leitura e textuais acompanhadas de momentos de reflexão, em uma perspectiva dialógica do discurso.

Para tal propósito, o artigo apresenta a seguinte organização: na seção sobre sequência didática, levamos em consideração as competências¹ e habilidades² retiradas da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), que normatiza o ensino fundamental e médio na esfera educacional; na seção seguinte, apresentamos uma breve conceituação sobre o campo sógnico como formador de valorações. Em seguida, na seção sobre os atos narrativos e as respectivas análises, expomos os conflitos entre os personagens, estabelecendo, para isso, relação entre a *Análise Dialógica do Discurso* com os temas de redações que já foram cobrados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e das outras ideologias que sugerem os respectivos temas e, por último, as conclusões a que chegamos, além das referências que embasaram o estudo.

Sequência didática com foco na formação do leitor do Ensino Médio

Para desenvolver as competências e habilidades da BNCC de modo contextualizado, selecionamos uma produção artística: *A Caverna*, de José Saramago, para *Análise Dialógica do Discurso*, usando recortes de quinze atos narrativos que serão pesquisados por grupos divididos em sala de aula, conforme nossa sugestão de ensino-aprendizagem. Assim, a sequência didática se apresenta como importante para o trabalho pedagógico, que deverá ser sistemático e planejado:

1. Orientamos que o(a) professor(a) utilize as Competências Específicas 1 e 2 retiradas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018, p. 483–484).

2. Sugerimos os seguintes códigos das habilidades da BNCC para serem trabalhados em sala de aula: (EM13LGG201), (EM13LGG202), (EM13LP02), (EM13LP52) (Brasil, 2018, p. 484–516).

Ao iniciar uma sequência didática, projeto ou procedimento de trabalho envolvendo os componentes da área, sugere-se a realização de atividades diagnósticas que sirvam para abordar conhecimentos prévios dos alunos em relação aos conteúdos a serem estudados ou esperados para a etapa de aprendizagem que se inicia (SEDUC-PA, 2024, p. 167).

Essas atividades diagnósticas dizem respeito à compreensão e análise de situações e contextos de produção de sentidos nas práticas sociais de linguagem, na recepção ou na produção de discursos, percebendo conflitos e relações de poder que caracterizam essas práticas. O público para o qual direcionamos a proposta de sequência didática apresentada adiante são discentes que cursam o 3º ano do ensino médio.

Desse modo, caberá ao docente orientá-los com o escopo de desenvolver as competências e habilidades da BNCC para fomentar uma avaliação formativa e integradora:

A avaliação formativa no Ensino Médio, conforme orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enfatiza a importância de um processo contínuo e reflexivo de aprendizagem. Esta abordagem foca no desenvolvimento integral do jovem, orientando que professores e estudantes trabalhem juntos para identificar aprendizagens já adquiridas e áreas de melhoria e aprimoramento (SEDUC-PA, 2024, p. 95).

A sequência didática proposta para a leitura do romance foi baseada em um modelo apresentado no livro *“Oralidade na Educação Básica: o que saber, como ensinar”* (Carvalho, Ferrarezi, 2018, p. 79-80), para aprimorar as aprendizagens.

A nossa sugestão de sequência didática é a seguinte:

a) Objetivos e preparação — é necessário, no primeiro momento, realizar uma roda de leitura, que provavelmente durará os 1º e 2º

bimestres, para a leitura, discussões sobre a obra e as produções textuais. Será discutido sobre as valorações ideológicas encontradas nos recortes da obra literária. Após a leitura e a discussão, os discentes irão se organizar em onze grupos de trabalho, conforme a orientação do (a) docente. A divisão de tarefas considerará os quinze atos narrativos valorativos para o processo de pesquisa e preparação de um texto dissertativo-argumentativo no estilo do ENEM.

b) Desenvolvendo a atividade: seleção das temáticas e divisão da turma em onze grupos a partir de sorteio das propostas textuais. Os temas das redações terão os seus textos motivadores — cada docente realizará pesquisa e montagem, priorizando, para isso, os textos da atualidade. Os grupos poderão pesquisar os conflitos sociais no Brasil ou no mundo, destacando: **a)** o tipo de conflito (religioso, político, econômico ou étnico), as origens e a razão; e **b)** as consequências e a resolução ou as possibilidades de resolução dos conflitos supracitados.

c) Hora da avaliação: com base nas competências e habilidades mencionadas. O (a) docente de Língua Portuguesa poderá considerar as estratégias de pesquisa dos (das) discentes, seus posicionamentos nas questões polêmicas que são os atos narrativos retirados da obra literária. O maior enfoque poderá ser dado às produções escritas, principalmente quanto aos procedimentos tomados frente a vários problemas sociais contextualizados no romance saramaguiano. Ainda poderá ser feita reescrituras das produções textuais dos (das) discentes que não atenderam aos critérios de avaliação em sua escrita, para que assim possam ser expostas à comunidade escolar.

d) Dicas e variações: poderá ser realizado na escola um “Sarau das Produções Textuais” para a socialização dos resultados e análises empreendidas por discentes, a fim de fomentar uma inclusão na comunidade escolar. Neste evento, serão realizadas premiações das melho-

res produções textuais para estimular os (as) discentes. Trata-se de um incentivo, portanto, para terem uma atitude investigativa e criativa em relação ao exercício literário, que incluem a função de subjetividade, as valorações sociais nos diversos contextos discursivos da obra literária.

O campo sógnico como formador de valorações

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, emergem, dentre outras, as concepções de campo sógnico e de valoração (Volóchinov, 2017), materializados na interação discursiva em enunciados verbais ou não-verbais. É no instante da realização do ato, isto é, não é somente fixado ou encarnado pela palavra, mas também por tudo que constroem sentidos valorativos no instante do ato discursivo.

Um enunciado — oral ou escrito —, sobretudo o conteúdo temático deste, em um gênero do discurso como o romance, é composto a partir da constituição histórica e social do próprio escritor e do leitor, formando uma palavra bivocal para transmitir as caracterizações de seus aspectos sociais de maneira ficcional, ou seja, as múltiplas relações existentes entre o diálogo do mundo representado. Quanto a isso, a BNCC ressalta:

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajudando-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/ vivenciando (Brasil, 2018, p. 491).

As valorações materializadas nos discursos plurais, vivos, contrários, como são expostas, recebem motivação “pelas condições materiais de existência, mas, por outro exerce uma influência transformadora sobre estas condições; a mediação dos signos na formação da consciência e na constituição dos referentes do mundo durante o processo de interação discursiva” (Volóchinov, 2017, p. 73). Essa mediação dos signos conduz os sujeitos-leitores — pelo menos dois — que participam de um mesmo ou diferenciado grupo social, os quais determinarão as interações discursivas com as mediações das valorações sociais. Desta forma, a nossa produção interpretativa, que aqui estamos designando como valorações se manifesta de maneira ativa em conjunto com o sistema de produção onde os personagens estão inseridos.

O romance traduz as valorações próprias de uma época “implica uma profunda metamorfose, uma verdadeira revolução histórico-cultural, que abrange a filosofia, as artes, as ciências, as religiões, a moral, a política, os costumes, as relações sociais e familiares, etc.” (Massaud, 2013, p. 168-169).

Tomaremos, como exemplo, o papel ativo de um sujeito-leitor, que atribui sentidos à sua leitura por meio de outros autores para atribuir valorações ideológicas. Não se deve ser afirmado que os textos são meramente a continuação do outro, melhor dizendo, os embates e contradições construídas a partir das interações realizadas pela leitura, posto que “[...] O signo é um território em disputa e que os sentidos são resultados de lutas” (Costa, 2017, p. 22). Deste modo, a luta permanente do signo é para encontrar o sentido realizado em diálogo com o campo sógnico para atribuir a sua valoração, pois “O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos” (Volóchinov, 2017, p. 94).

Conforme evidenciado no discurso do próprio escritor José Saramago, em depoimento concedido ao documentário *Janela da Alma* “[...] Nós estamos, estamos no mundo em que chamamos mundo audiovisual, nós estamos infinitamente repetindo a situação das pessoas aprisionadas ou atadas na Caverna de Platão, olhando em frente, vendo sombras e acreditando que essas sombras são uma realidade” (Jardim; Carvalho, 2001, 30).

O romance *A Caverna* traduz um percurso do discurso vivo e real — a palavra alheia sofre a influência do encadeamento de outros escritos na sua própria escrita, por isso que é predominante dialógica, pois “o texto literário não só reconhece na linguagem a sua existência fenomenal, mas, acima disso, o que lhe mais seduz é a possibilidade de tratar no interior de seu próprio discurso questões antes abordadas exclusivamente pelo texto crítico” (Pinheiro, 2012, p. 41).

As valorações constituídas para se tornarem estáveis deverão ser materializadas por meio dos processos de sentidos que reconstroem a realidade “Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social” (Volóchinov, 2017, p. 94). A especificidade para criar outros campos sógnicos se dá pela permanente mudança da própria realidade da vida social para atingir a sua funcionalidade, consoante a influência de valores históricos, sociais, culturais, subjetivos, dentre outros.

Assim, entendemos que o ensino de Literatura no ensino médio deve possibilitar os (as) discentes que seja crítico de sua própria realidade. As valorações ideológicas refletidas na área literária contribuem para a humanização de si a partir da interação com a leitura, visto que, por meio dela, evidencia-se o encontro com as palavras e sentidos que o autor da obra escreveu. Como Silva esclarece:

É preciso, por meio da leitura literária, possibilitar aos discentes que enxerguem outras formas de ver, de pensar, de agir, de sentir, de querer — de ser. Dessa maneira, eles compreenderão que os textos explorados em sala, apesar, às vezes, de muitos séculos passados desde sua produção, tratam de questões que também são suas, nossas — humanos que somos todos, independente de classe, credo, etnia, orientação sexual (Silva, 2018, p. 119).

É pertinente explicitar que a leitura de obras literárias representa um trabalho pedagógico para fomentar um sujeito-leitor crítico de sua própria realidade, bem como as relações ideológicas refletidas na escrita saramaguiana. Assim, possibilitando uma postura responsiva-ativa a partir da interação com a leitura, isto é, por meio dela haverá o encontro de si: classe social, credo, etnia, orientação sexual e com as palavras dialógicas que o outro-escritor materializou em seu texto (Silva, 2018).

Análise dialógica do discurso em *A Caverna*, de José Saramago, e os temas de redações do ENEM

Nesta seção, designamos os quinze atos narrativos e as suas análises representadas pelas valorações que retratam os campos sógnicos no processo social da obra saramaguiana por meio dos discursos e, por último, as relações existentes entre a obra literária, os temas cobrados pelo ENEM e as nossas sugestões de temas. Nosso objetivo é esclarecer e discutir as relações sociais nas valorações a que estão submetidos os cinco personagens, a seguir: Cipriano Algor, Marçal Gacho, Marta Gacho, Isaura Madruga e o Achado e, sobretudo, os temas valorativos das redações.

O critério estabelecido para a divisão dos atos foram as sequências estabelecidas para a narrativa, a partir da nossa subjetividade, possibilitada no *método de compreensão respondente*. Daí podemos dizer que o método é a “compreensão respondente”, a interpretação do outro sujeito em vez de buscar somente conhecer um objeto. O termo “respondente assinala o caráter dialógico da interpretação” (Barros, 2007, p. 24). Os (as) discentes do 3º ano do ensino médio deverão treinar a interpretação do texto literário, segundo a BNCC (2018), com a pretensão de ampliar a sua autonomia e protagonismo. Nessa direção, o documento prescreve que:

No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais e no uso criativo das diversas mídias (Brasil, 2018, p. 470).

Conforme a proposta exposta, apresentamos a nossa sugestão de *compreensão respondente* (Barros, 2007), tendo em conta que sua prática é um dos possíveis percursos que elaboramos para realizar a análise em sala de aula. Nesta perspectiva, estamos propondo sistematizar os fatos históricos, sociais e ideológicos por meio das valorações nas quais a materialidade discursiva ocorre. Afinal, todos os participantes do entrelaçar das “vidas”, formados por meio de diálogos, possibilitam o leitor a permanecer em constante interação com esses atos narrativos, acontecimentos no espaço-tempo das ações dos personagens que engendram as narrativas literárias (Serodio, 2018).

Isto posto, almeja-se a apreensão dos sentidos realizados pelos quinze atos discursivos por nós estabelecidos, caracterizados pelas re-

lações sociais entre os personagens que manifestam as valorações para a análise. Realizadas as ressalvas, passamos à proposta de leitura a partir dos atos narrativos da obra saramaguiana que serão utilizados em sala de aula.

Ato narrativo um: A história inicia com a viagem de Cipriano Algor e de Marçal Gacho em uma furgoneta na entrada reservada ao pessoal de segurança — designado como Centro — prédio gigante regulador das normas entre o capital e o trabalho:

Cá estamos, disse Cipriano Algor, como vês chegámos a tempo, ainda faltam dez minutos para a tua hora de entrada, Sabe tão bem como eu por que não devo atrasar-me, prejudicaria a minha posição na lista dos candidatos a guarda residente, Não é uma ideia que entusiasme por aí além a tua mulher, essa de queres passar a guarda residente, É melhor para nós, teremos mais comodidades, melhores condições de vida (Saramago, 2000, p. 17)³.

A valoração presente no primeiro ato narrativo entre o oleiro Cipriano Algor e seu genro Marçal Gacho é a do *fordismo* que propaga uma valoração dos profissionais eficientes e exemplares do sistema produtivo do Centro. O tempo é baseado na produtividade regulado pelo poder que detém a estrutura econômica subdivididas em departamentos que desencadeiam os discursos das relações sociais de todos os envolvidos na fábrica *Ford Motor Company*, criada pelo empresário automobilístico Henry Ford, em 1913, pressupondo que “uma empresa controla desde a produção da matéria-prima (no início da cadeia produtiva), até a distribuição comercial dos produtos (no final da cadeia produtiva)” (Chauí, 2008, p. 103).

3. Chamamos a atenção para o estilo de escrita de Saramago. Uma das marcas é o uso da vírgula, provavelmente, para criar um ritmo mais próximo da oralidade. Outras marcas, também são perceptíveis, como o uso de maiúscula após a vírgula.

É necessário mencionar sobre a divisão trabalhista que “cada trabalhador tenha uma função muito especializada e não deva realizar todas as tarefas para produzir um objeto completo” (Chauí, 2008, p. 104). O Centro é o lugar da modernização, do sistema econômico e da industrialização das mercadorias, permeadas de valorações sógnicas.

Ato narrativo dois: o encontro de Cipriano Algor com o Subchefe do Departamento de Compras para a entrega de metade da sua produção ao Centro. Após deixar Marçal Gacho, o oleiro vai em direção ao serviço de recepção, mas como ainda estava cedo demais, dirigiu-se, então, para a fila de camionetas que estavam à espera da abertura ao público:

Descarrega metade do que aí vier, verifica pela guia. Cipriano Algor, surpreendido, alarmado, perguntou, Metade, porquê, As vendas baixaram muito nas últimas semanas, provavelmente iremos ter de devolver-lhe por falta de escoamento o que está em armazém, [...] Sim, está no contrato, Bem sei que está no contrato, mas como também lá está que não me autorizam a ter outros clientes, diga-me a quem é que vou vender a outra metade, Isso não é comigo, eu só cumpro as ordens que recebi, Posso falar com o chefe do departamento, Não, não vale a pena, ele não o atenderia (Saramago, 2000, p. 22).

A valoração do segundo ato narrativo se configura pelo *produtivismo* efetivado por meio de uma espécie de contrato exclusivo que normatiza as relações comerciais, instaurando a dominação e o controle por parte do Departamento de Compras do Centro. Essa regulamentação foi permeada por questões profissionais, a saber “[...] desencadeados no âmbito de uma grande reorganização do sistema produtivo, ensejavam concomitantemente mudanças e remodelações na criação e circulação de signos e enunciados” (Costa, 2017, p. 12).

As inquietações pairavam e, de certa maneira, comandavam a vida dos moradores do local que correlacionam entre o poder de posse dos objetos ofertados carregados entre o valor social efetuadas nas relações interpessoais que cada indivíduo participa e contribui para manifestar a partir da hierarquia do sistema produtivo do Centro. A estrutura social reflete a forma de escoamento de seus produtos fabricados em sua olaria em oposição a uma fábrica do Centro da cidade.

A “reorganização do sistema produtivo” sofreu mudanças de valoração entre os moradores-clientes. A nova relação entre compra e venda é estimulada e calculada pelas mudanças capitalistas. Com base nisso, as classes dominantes controlam — as vontades, as experiências, os gostos na cadeia produtivista do Centro.

Ato narrativo três: Marta telefona para o atendente do Departamento de Segurança. Neste ato, Cipriano Algor retorna para a sua casa que fica próxima à sua olaria e informa o que havia acontecido à sua filha Marta, e ela teve a ideia de telefonar:

Desejo falar com o guarda de segunda classe Marçal Gacho, disse Marta, Da parte de quem, Sou a mulher dele, estou a falar de casa, O guarda de segunda classe Marçal Gacho encontra-se de serviço neste momento, não pode ser deslocado, Nesse caso peço o favor de lhe transmitirem um recado, É a mulher dele, Sou, chamo-me Marta Algor Gacho, poderá verificar aí, Então não ignora que não recebemos recados, apenas tomamos nota de quem telefonou, Seria só dizer-lhe que telefone para casa assim que puder, É urgente, perguntou a voz. [...] Sim, realmente tem uma certa urgência, Tomei nota, disse o homem, e desligou (Saramago, 2000, p. 36).

A valoração no terceiro ato narrativo se configura como o *produtivismo* devido à dinamicidade estabelecida pela rapidez, a qual é a base econômica regulamentada para oferecer aos seus clientes e/ou mora-

dores uma melhor prestação de serviço, como “Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo” (Volóchinov, 2017, p. 91).

O cargo de Marçal Gacho é a representação da valoração ideológica. Esse tem a função de guarda de segunda classe do Centro e obedece às normas vigentes do sistema produtivo para alcançar melhores condições de vida. Ele queria ser promovido ao tão sonhado cargo de guarda residente por ser uma posição superior, que daria o direito à família de serem residentes de um apartamento mobiliado.

Na obra, o *produtivismo* se justifica em razão de privilegiar as “questões de segurança”. Tal informação é repassada a Marta Gacho por um telefonista do Centro, que responde às indagações sobre o porquê de não comprar a produção de utensílios de barro produzidos por Cipriano Algor. A valoração do aumento da produção e da produtividade é crescente para atender ao lucro do capitalista.

Ato narrativo quatro: é o acontecimento do encontro na porta do *cemitério* de Cipriano Algor com uma mulher que estava com trajés de luto, era a Isaura Madruga:

Boas tardes, senhor Cipriano, o tratamento de respeito justificava-se tanto pela diferença de gerações como por ser costume do campo, e ele retribuiu, Boas tardes, se não disse o nome dela não foi porque não o conhecesse, mas por pensar que esta mulher, de luto carregado por um marido (Saramago, 2000, p. 46).

[...] Era apenas mais uma viúva na povoação, outra mulher para andar vestida de luto carregado durante seis meses, a que outros seis de luto aliviado se haveriam de seguir, e muita sorte tinha ela, porque tempo houve em que o carregado e o aliviado, cada um deles, pesavam sobre o corpo feminino, e, vá lá saber-se, sobre a alma, um ano inteiro de dias e de noites, sem falar daquelas mulheres a quem, por velhas, a lei do costume obrigava a viverem cobertas de preto até ao último dos seus dias (Saramago, 2000, p. 88).

A valoração do quarto ato narrativo é do *machismo* por meio da vestimenta “mulher vestida de luto”. Trata-se de uma “obediência rígida a princípios éticos tradicionais” (Souza, 2018, p. 29). O preceito do luto, por parte da mulher, estabelece que esta fique por um longo período, implicando uma vida recolhida, com uma roupa cotidiana preta e de eterno sofrimento, devido à morte do marido.

A formação da valoração da mulher-viúva, discursivamente, é constituída pela *lei do costume*, estabelecida por valorações sociais, culturais e históricas cristalizadas, tais organizações pré-determinadas são: 1) Vestimenta de mulheres novas: por doze meses deveriam carregar o luto; 2) Vestimenta de mulheres velhas: deveriam manter o luto pelo restante de sua vida. A temporalidade da dor, que exclui a mulher do convívio social, reforça papéis sociais de passividade.

Diante desse cenário, a subordinação das mulheres aos homens é estabelecida por resignação. É importante mencionar, também, que a omissão do nome da personagem, bem como a generalização — “era apenas mais uma viúva na povoação” — promove um gesto de apagamento simbólico.

Nessa situação, o discurso religioso fundamenta a invisibilidade da mulher para determinar a expressividade da dor de forma externa, visa ao cumprimento das normas da igreja e à obediência ao matrimônio mesmo após a morte de seu marido.

A valoração do machismo dos costumes de subordinação da mulher aos homens se materializa em um poder que “legitima a submissão das mulheres aos homens, tanto pela afirmação da inferioridade feminina — fraqueza física e intelectual — quanto pela divisão de papéis sociais a partir de atividades sexuais — feminilidade como sinônimo de maternidade e domesticidade” (Chauí, 2008, p. 100).

Ato narrativo cinco: Cipriano Algor encontra o cachorro “Achado” na casota — em uma casa distante do Centro, quando retornou para a sua casa “Eram duas as cintilações, dois olhos, um cão” (Saramago, 2000, p. 48). Porém, destacamos no discurso saramaguiano um novo acontecimento valorativo preponderante:

Tocou-lhe na mão com o nariz frio e húmido, na verdade alguém já deveria ter ensinado este animal primitivo a levantar a pata dianteira como acabam sempre por fazer com naturalidade os cães instruídos em preceitos sociais, aliás, não se conhece outra maneira de evitar que a amada mão do amo fuja bruscamente ao contacto, prova, afinal, de que nem tudo se encontra resolvido na relação entre as pessoas humanas e as pessoas caninas (Saramago, 2000, p. 141).

A valoração do quinto ato narrativo é nomeada por nós como *especismo* — defende-se que a espécie humana é superior, podendo explorar, escravizar e até matar as demais espécies de animais por considerá-las inferiores à espécie humana em detrimento da não-humana. No caso, o ser humano teria o direito de violentar, maltratar e matar as demais espécies de animais por considerá-las inferiores. Tais valorações se manifestam nas relações efetivadas com a presença canina, ao se observar a submissão do cachorro para seu dono.

O fenômeno sógnico do cão “Achado” é exposto no capítulo XXI do romance, por meio da afirmação de seu próprio dono “O Achado é um cão consciente, sensível, quase humano, não precisa que lhe expliquem o que se está a passar aqui” (Saramago, 2000, p. 349). Todos esses adjetivos possibilitam nomear as qualidades consideradas racionais do ser humano. No entanto, o discurso projetado em relação ao cão humanizado e consciente das relações assimétricas é uma crítica que o narrador do romance explana, pois até mesmo um ser conside-

rado irracional percebe as nuances que movem e “definem” a vida da família Algor.

Ato narrativo seis: Marçal recebe um telefonema do Departamento de Segurança do Centro para a transmissão da valoração de seus produtos. Cipriano lembra da incerteza da produção dos utensílios domésticos e o guarda Marçal retorna à ligação, dando-lhe uma resposta vaga:

E que foi que ele disse, Que ainda não resolveram, mas que o seu caso não é o único, mercadorias que interessavam e deixaram de interessar é uma rotina quase diária no Centro, as palavras são dele, rotina quase diária, E tu, com que ideia ficaste, Com que ideia fiquei, Sim, o tom da voz, o modo de olhar, se te pareceu que queria ser simpático, [...], para eles estas coisas são simples, ou o produto interessa, ou o produto não interessa, o resto é indiferente, para eles não há meio-termo (Saramago, 2000, p. 65).

A valoração do sexto ato narrativo é nomeada por nós como *posuísmo* em razão do interesse em relação à compra e venda das mercadorias, ou seja, faz-se a avaliação de compra entre os consumidores nas interações constituídas da seguinte maneira: sujeitos — Cipriano como oleiro e Marçal como guarda de segunda classe; leis socioculturais — o campo sógnico predominante representado pelo Centro como o sistema produtivo; as classes sociais — o fornecedor, o trabalhador interno e o comprador capitalista —; e a ênfase valorativa — que transmitiu a oferta da olaria como infrutífera de venda.

O campo ideológico que atravessa o discurso em análise permeia também a expressividade dos personagens, tais como: o tom da voz, o modo de olhar, dentre outros, como destaca “Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social — seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de con-

sumo — mas também, ao contrário desses fenômenos reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites” (Volóchinov, 2017, p. 91). As relações sociais e as suas nuances provocam a formação de sentidos valorativos e ideológicos.

A potencialidade na formação de sentido do *possuísmo* é evidenciada, como “Essa imagem artístico-simbólica de um objeto físico já é um produto sógnico. O objeto físico é transformado em um signo” (Volóchinov, 2017, p. 92). Os produtos de consumo da olaria dos Alcores — utensílios domésticos não eram lucrativos, tornando-se assim, menosprezados pelo campo sógnico, a partir disto, podemos afirmar que o Centro promove a substituição do barro pelo plástico e assim, sucessivamente, a valoração da compra descontrolada de mercadorias, para além das necessidades de sobrevivência. O que pode ser considerando como consumismo descontrolado de produtos sem necessidade.

Ato narrativo sete: a ideia de Marta de um projeto na olaria de fabricar bonecos de argila para renovar o espírito criador de seu pai. Decidiram pela fabricação dos seguintes bonecos: bobos, palhaços, enfermeiras, mandarins, esquimós e assírio de barbas. A formulação era de vestir bonecos de barro “A que chamas tu vestir, Vestir é vestir mesmo, é colar ao corpo da figura despida as vestimentas e os acessórios que a caracterizam e lhe dão individualidade” (Saramago, 2000, p. 72).

A valoração que consideramos no sétimo ato narrativo, nomeamos como *individualismo*, visto que estabelece a criação de uma suposta pessoa — homem ou mulher — autônoma, livre, capaz, conquistadora, forte, que não depende de ninguém, que pode tudo, basta querer. Essa pessoa acredita, conforme suas premissas, que vive em um mundo perfeito, sem exploração, sem conflitos sociais.

Ato narrativo oito: Cipriano Algor encontra o chefe do Departamento de Compras do Centro e acerta a ordem e o prazo delimitado

para a retirada dos produtos das prateleiras do armazém, uma vez que tais produtos não são mais vendidos:

Temos em armazém, já sem probabilidade de escoamento, mesmo a preços de saldo, mesmo abaixo do que nos custou, uma quantidade grande de artigos da sua olaria, artigos de todo o tipo que estão a ocupar um espaço que me faz falta, motivo por que sou obrigado a dizer-lhe que proceda à retirada no prazo máximo de duas semanas, tencionava mandar que lhe telefonassem amanhã, a informá-lo (Saramago, 2000, p. 95).

A valoração do oitavo ato narrativo é efetivada por regulamentos do Centro, por isso nomeada por nós como *regulamentismo*, pois o chefe do Departamento de Compras alertou o oleiro “não aceitar pressões ou interferências de terceiros na sua actividade comercial” (Saramago, 2000, p. 95).

Essas categorias foram motivadas pelas relações comerciais que não refletiam a venda e a lucratividade desejada. Logo, neste caso, os efeitos produzidos pelos artigos da olaria ocorrem devido à ausência da relação de procura dos consumidores negativamente — o interesse de compra “o gosto não é individual, mas sim compartilhado e construído socialmente [...] [funcionando] também como uma forma de legitimação invisível de todo tipo de privilégio fático” (Souza, 2016, p. 70). A influência da avaliação estética do indivíduo é baseada nas relações interpessoais, sendo modulada essa decisão assimétrica do campo sógnico, definido na experiência externa de regulamentar o consumo.

Ato narrativo nove: Cipriano encontra o subchefe do Departamento de Compras do Centro e o inquérito valorativo dos clientes. A olaria deveria participar de “uma encomenda experimental” de mil e duzentos bonecos:

[...] dar-nos-á até tempo para promovermos uns inquéritos, orientados segundo duas vertentes, em primeiro lugar, a situação prévia à compra, isto é, o interesse, a apetência, a vontade espontânea ou motivada do cliente, em segundo lugar, a situação decorrente do uso, isto é, o prazer obtido, a utilidade reconhecida, a satisfação do amor-próprio, tanto de um ponto de vista pessoal como de um ponto de vista grupal, seja ele familiar, profissional ou qualquer outro [...] (Saramago, 2000, p. 239).

A valoração atribuída por nós no nono ato narrativo foi o *possuís-mo*, representado por inquéritos promovidos para avaliar a estética do produto — as satisfações dos clientes — e a realidade externa — a utilidade do objeto adquirido. Essas duas realidades complementam-se, sendo nomeadas por valores de usos e trocas, promovidos pelas valorações que refletem a realidade das relações de poder tanto do Centro que normatiza a ordem do *possuís-mo*, quanto de cada cliente que interage com este meio.

O Centro propagador dos valores estéticos e comerciais privilegia a lucratividade e isso remete para a obtenção efetivada pela valoração aqui denominada como *possuís-mo*, levando em consideração que “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (Volóchinov, 2017, p. 93). Essa situação o tornava não apenas um oleiro, mas sim um artista, por isso sentia em suas mãos o parto da criação — a maiêutica. Não foi valorizado o artesanato e sim retirado da produção do sistema Capital do Centro. O “possuís-mo” é uma forma de valoração ideológica atribuída ao signo e esse processo valorativo, em sua análise, revela o embate entre o campo artístico e o campo mercantil, não só evidenciando a orientação ideológica que rege as práticas do Centro.

Ato narrativo dez: A decisão da “mudança” para o Centro. Após três dias de fazer e desfazer os seis bonecos realizados na olaria, Cipriano Algor teve que retornar para a estrada para ir buscar o Marçal Gacho e saber sobre a sua possível promoção de cargo:

Marta disse, Estas pessoas não vêem a luz do dia quando estão em casa, As que moram nos apartamentos voltados para o interior do Centro também não, respondeu Marçal, Mas essas, como tu disseste, sempre se podem distrair com as vistas e o movimento, ao passo que estas daqui estão praticamente enclausuradas, não deve ser nada fácil viver nestes apartamentos, sem luz do sol, a respirar ar enlatado durante todo o dia (Saramago, 2000, p. 278–279).

A valoração ensejada no décimo ato narrativo é manifestada pelo *regulamentismo* regido nas sequências da moradia, melhor esclarecer, dos campos sógnicos e as suas funcionalidades em subdivisões específicas, cuja dimensão divisória pode ser destacada como uma opressão regulatória, em razão de “No interior do próprio campo sógnico, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças, por fazerem parte dela a imagem artística, o símbolo religioso, a fórmula científica, a norma jurídica e assim por diante” (Volóchinov, 2017, p. 94). As funções específicas da habitação do Centro constituem a valoração exacerbada da regulação de tudo e de todos, centralizadora e controladora.

Ato narrativo onze: Cipriano encontra o Chefe no Departamento de Compras do Centro e as revelações deste. Dias depois da visitação, oleiro e Marta tiveram que retornar ao Centro para deixar Marçal no seu posto de segurança:

Boas tardes, senhor Cipriano Algor, Boas tardes, senhor, Suponho que calcula por que motivo lhe estou a telefonar hoje, Supõe bem, senhor, queira continuar, Tenho diante de mim os resulta-

dos e as conclusões do inquérito acerca dos seus artigos, que um dos subchefes do departamento, com a minha aprovação, decidiu promover, E esses resultados quais foram, senhor, perguntou Cipriano Algor, Lamento informá-lo de que não foram tão bons quanto desejaríamos, Se assim é, ninguém o poderá lamentar mais do que eu, Temo que a sua participação na vida do nosso Centro tenha chegado ao fim (Saramago, 2000, p. 289–290).

A valoração identificada no ato narrativo décimo primeiro é do *descartismo* — pertencemos à geração do descartável, dado que os utensílios de barro foram reprovados pela totalidade dos moradores pesquisados pelo Centro, com um detalhe, todos representantes da classe alta da sociedade. Também reprovaram o processo de fabricação da olaria dos Algores, artesanalmente. No inquérito realizado, ganhou a motivação do “universo dos clientes” especificado pelas singularidades: vinte e cinco pessoas de cada sexo que valorizam o plástico em detrimento do barro. A valoração de tudo que se joga fora, que não é duradouro, sendo pesado, de tudo que é agressivo ao meio ambiente.

A constituição do inquérito foi definida pelas variáveis: sexos, profissões médias, gostos modestos ou hábitos que promovesse uma aceitação esperada ao produto oferecido, no entanto, foram valoradas, de certa forma, como objetos obsoletos — rusticidade do produto, dando assim, a valoração do material criado e recriado, principalmente, representado pela comunidade dos indivíduos organizados socialmente, participantes da vida produtiva que demandam as valorações “Por isso, o signo para Bakhtin não é linguístico, mas ideológico, ou seja, é carregado de sentidos que dizem respeito a uma posição social, histórica e cultural” (Oliveira, 2013, p. 51). A permanência no tão sonhado Centro somente continuou por conta da promoção de cargo de seu genro.

Ato narrativo doze: Cipriano encontra Isaura na Casa do “cântaro novo”. Como já estava perto de se mudarem, o oleiro decide ir à

casa de Isaura Madruga para entregar o cão Achado e declarar o seu amor a ela:

[...] Repito, porque não tenho nada para lhe oferecer, Se o que disse ainda há pouco foi sentido e pensado, tem o amor, O amor não é casa, nem roupa, nem comida, Mas comida, roupa e casa, por si sós, não são amor, Não joguemos com as palavras, um homem não vai pedir a uma mulher que se case com ele se não tem meios para ganhar a vida, É o seu caso, perguntou Isaura, Sabe bem que sim, a olaria fechou e eu não aprendi a fazer outra coisa [...] (Saramago, 2000, p. 300).

A valoração identificada no ato narrativo décimo segundo é marcada pela preponderância do *descartismo* — significando para a família Algor o desapego de objetos duradouros, de objetos do passado, de futuro romance, tendo que adquirir tudo novo, tudo que possa ser descartável, assevera. Isso “normalmente, o que achamos que somos é, em grande medida, fruto da necessidade de justificar e legitimar a vida que levamos. Ela não reflete, necessariamente, a “verdade” de nosso comportamento” (Souza, 2016, p. 69). Faz-se necessário pontuar que Cipriano Algor não participava de uma coletividade no aspecto hierárquico do trabalho social, do contrato familiar. Diante dessa situação, não ocorreu a continuidade de sua própria valoração de artesão, proprietário de sua casa, tutor de seu cão Achado e do seu possível amor pela Isaura Madruga.

Ato narrativo treze: o Comandante do Centro encontra os guardas do Departamento de Segurança, a vigilância e a descoberta da gruta. Apesar dos pesares, o Marçal, Cipriano e a Marta foram morar no tão disputado Centro:

[...] em primeiro lugar, quanto à dúvida de ir armado ou não, considero suficiente que levem o bastão, não porque pense que tenham necessidade de o usar, mas para que se sintam mais confiantes, o bastão é como uma peça de roupa fundamental, sem ele o guarda fardado sente-se nu, em segundo lugar, quem não estiver de vigia deverá vestir-se à paisana e circular por todos os andares a fim de escutar conversas que tenham ou pareçam ter alguma relação com a gruta, no caso de tal suceder, embora as probabilidades sejam praticamente inexistentes, o serviço central deverá ser informado de imediato, tomaremos as providências necessárias (Saramago, 2000, p. 317).

A valoração tratada no ato narrativo décimo terceiro é o *militarismo* manifestado por todo o aparato das fardas e o bastão — peças fundamentais para cingir nos guardas a relação de poder, perante os civis, isto é, o legado profissional tão almeja à ordem social realizada na vigilância absoluta, vale dizer, de maneira camuflada.

Mesmo sendo vigias, deveriam circular pelo Centro como civis, isso tudo, para manipularem e vigiarem a realidade em que era isolada para não ocorrer possíveis conflitos internos, objetificados pelas especificidades de cada campo sógnico, como se expõe a seguir “Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais, são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo” (Volóchinov, 2017, p. 100-101).

Ato narrativo quatorze: Cipriano na Caverna de Platão no Centro e as descobertas na olaria. O sigilo absoluto sobre a gruta. No entanto, somente “acordou” a curiosidade da família Algor, sobretudo de Cipriano Algor:

[...] este é homem, esta é mulher, outro homem, outra mulher, e outro homem ainda, e outra mulher, três homens e três mu-

lheres, viu restos de ataduras que pareciam ter servido para lhes imobilizar os pescoços, depois baixou a luz, ataduras iguais prendiam-lhes as pernas. [...] Cipriano Algor viu-se a entrar outra vez no forno da olaria, viu o banco de pedra que os pedreiros lá tinham deixado esquecido e sentou-se nele, e outra vez escutou a voz de Marçal, porém estas palavras agora são diferentes, chamam e tornam a chamar, inquietas, lá de longe, Pai, está a ouvir-me, responda-me. A voz retumba no interior da gruta [...] (Saramago, 2000, p. 332).

A valoração encadeada no ato narrativo décimo quarto possibilita a compreensão do *individualismo* motivado pelas relações de divergências entre os indivíduos — moradores, fornecedores, clientes, funcionários e visitantes do Centro.

O trecho apresenta uma situação de repressão, aprisionamento ou sofrimento representadas pelas “ataaduras” que “prendiam-lhes as pernas” e a manifestação de um discurso — “Pai, está a ouvir-me...” — que acentua o drama existencial, evocando vínculos familiares e uma busca por resposta, identidade ou salvação. Cipriano é o único nome mencionado no trecho, enquanto os demais são apenas “homem” ou “mulher”. Essa nomeação já destaca Cipriano como sujeito individual, com trajetória e memória próprias. Outro enunciado, “entrar outra vez no forno da olaria” sugere uma introspecção, como se estivesse revisitando sua história e sua identidade — pode ser interpretado como típico individualista que busca compreender sua existência.

Ato narrativo quinze: Após uma noite de espionagem na gruta que devastou todas as possíveis verdades que Cipriano Algor acreditava, o qual retornou e mencionou para sua filha a sua espantosa experiência. A família decide sair do Centro e retornar para a estrada. Avistam um cartaz na fachada do Centro “BREVEMENTE, ABERTURA AO PÚBLICO DA CAVERNA DE PLATÃO, ATRACÇÃO EXCLUSIVA,

ÚNICA NO MUNDO, COMPRE JÁ A SUA ENTRADA” (Saramago, 2000, p. 350).

No ato narrativo décimo quinto, as valorações são abaladas, uma vez que a família de Cipriano resolve romper com o sistema produtivo e econômico, quando sai daquele local opressor, para conhecer novas realidades. Representa a ruptura entre a Caverna de Platão e a Caverna do Centro, a tomada de uma atitude revolucionária de romper com as valorações opressoras. O enunciado do cartaz ou campo sógnico emerge nas relações assimétricas, que sugere a sua afirmação do motivo de autodesignar como prisioneiro “[...], pois, ainda que não estivesse morto fisicamente estava de suas funções de oleiro, morto de sua real vontade, morto de sua liberdade e, principalmente, de sua real humanidade” (Alves, 2015, p. 90).

Nossa intenção é designar as valorações a partir dos quinze atos narrativos marcados no romance saramaguiano com os temas já cobrados desde 1998 a 2024 no ENEM, retirados do *site* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (Brasil, 2024). Realizamos uma pesquisa e chegamos a seis temas de redações do ENEM que coincidem com as mesmas valorações presentes na obra literária. Os demais temas de redações que ainda não foram cobrados no exame são sugestões que o (a) docente poderá abordar. Iremos nos atentar às mesmas valorações ideológicas a fim de exemplificação e relação de ensino-aprendizagem para a formação do leitor crítico no ensino médio.

A criticidade do leitor em *A Caverna* é realizada pelos estabelecimentos de rótulos que indicam uma certa forma de poder opressor, que obtivemos das relações de subjugação a que sofrem os personagens principais desses atos narrativos na relação com o Centro ou com a *Caverna*. As representações das metáforas do capitalismo e das relações de forças de trabalho, correspondem também aos temas do

ENEM que traduzem as relações dialógicas e discursivas das problemáticas sociais. Veremos, a seguir, os temas que se enquadram em algumas valorações ideológicas encontradas na obra literária, assim como sugestões direcionadas para trabalho em sala de aula.

O (a) docente de Língua Portuguesa poderá utilizar a sugestão de sequência didática e relacioná-la com os temas já cobrados na prova do ENEM, como já acentuamos, e com os possíveis temas. O objetivo é promover a discussão sobre a importância de alinhar a literatura à escrita da redação, sobretudo, formar discentes proficientes sobre as valorações ideológicas presentes nos temas de redações, além de prepará-lo para o efetivo domínio em sua própria escrita.

O quadro 01 apresenta os temas de redações e as valorações ideológicas encontradas tanto na obra literária quanto no ENEM. O quadro 02 evidencia propostas de temas que poderão ser abordados em sala de aula para exemplificar as ideologias presentes na escrita de José Saramago:

Quadro 01: As quatro ideologias presentes em *A Caverna* e no ENEM

Anos	TEMAS DE REDAÇÕES - ENEM	IDEOLOGIAS
1999	Cidadania e participação social.	Regulamentismo
2000	Direitos da criança e do adolescente: como enfrentar esse desafio nacional.	Regulamentismo
2001	Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar interesses em conflito?	Produtivismo e Possuismo
2002	O direito de votar: como fazer dessa conquista um meio para promover as transformações sociais de que o Brasil necessita?	Regulamentismo
2015	A persistência da violência contra a mulher no Brasil.	Machismo
2023	Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil.	Machismo

Fonte: Autores, 2025

Quadro 02: Propostas de temas de redações das outras ideologias encontradas em *A Caverna*

SUGESTÕES DE TEMAS DE REDAÇÕES — ENEM	IDEOLOGIAS
Estratégias para promover a conservação ambiental no Brasil: quais os desafios para evitar o descarte incorreto do lixo e a poluição?	Descartismo
A influência do modelo produtivo fordista que correspondeu ao contexto histórico do capitalismo em que se formou a sociedade de consumo em massa: quais estratégias para promover o consumo consciente?	Fordismo
O direito à dignidade dos animais: desafios para o enfrentamento para combater aos maus-tratos a animais na sociedade brasileira.	Especismo
Desafios para o impacto do individualismo nas relações interpessoais na sociedade brasileira.	Individualismo
O direito do alistamento militar feminino voluntário: os caminhos para a efetiva participação das mulheres nas Forças Armadas.	Militarismo

Fonte: Autores, 2025

Diante dessas valorações, postulamos que o romance saramaguiano, os temas do ENEM e as propostas de produções textuais são *dialógicos* “O dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram instaurados por esses discursos” (Brait, 2005, p. 95). Os processos discursivos em dado espaço e tempo estão permeados, geralmente, por conflitos.

As relações existentes em todos os campos sógnicos que integram o romance e temas do ENEM são realizadas por essas dinâmicas interativas entre o eu e o outro “É pela noção de ordem (forma) que tocamos a questão do real da língua: aí está sua materialidade. Impossível que não seja assim. Estrutura e acontecimento” (Orlandi, 2011, p. 75). É por isso que a estrutura é concretizada quando houver o diálogo, con-

dicionado pelo papel ativo do sujeito que avalia a sua representação de mundo construída pela interação com o outro. Por sua vez, também carrega para si por meio da percepção do já percebido, ou seja, a relação da estrutura com o acontecimento do já existente ou constituído.

Considerações finais

A nossa perspectiva dialógica do discurso da obra *A Caverna*, de José Saramago, teve como proposta uma sequência didática para trabalhar em sala de aula os quinze atos narrativos e as produções de textos dissertativo-argumentativos cobrados no ENEM. As valorações no desenrolar das ações dos personagens foram formuladas a partir dos embates ocorridos entre o eu e o outro, geralmente, as relações eram opressoras do mundo audiovisual do Centro. Nesse sentido, a tentativa de aprisionar os personagens em imagens na Caverna, que pretendem substituir a própria realidade dos variados espaços e tempos, tendo como objetivo a manutenção da valoração do sistema repetitivo, econômico, social e histórico.

A fim de recapitular, trazemos as valorações dos personagens: Cipriano Algor — oleiro por profissão herdada de seus pais e avós; Marta — filha de Algor e esposa de Gacho, que estava sempre dedicada aos interesses de seu pai e esposo; Marçal Gacho — funcionário do Centro, que era preso aos interesses de promoção de cargo, por esse motivo era submisso em relação às variadas normas e regulamentos; Isaura — viúva de Joaquim era resignada a velar o seu falecido esposo; o Achado — cão que tinha mais afeição de humanidade, era muito sensível às mudanças recorrentes da família dos Algores.

Em suma, as valorações das quais tratamos nesse estudo, materializam entre si os processos dialógicos e as sucessivas interações com os

campos sógnicos. Em vista disso, deixamos o convite à pesquisa sobre o discurso saramaguiano, cultivando cada vez mais discentes do ensino médio comprometidos para a formação do leitor literário dialógico na perspectiva bakhtiniana da obra pertencente à tal tipologia textual. Além do mais, focados na elaboração da escrita para a preparação da redação do ENEM, associada com as relações dialógicas dos discursos.

Referências

- ALVES, M. A. R. *(Des) Construindo narrativas em A Caverna, de José Saramago*. Dissertação (Mestrado em Leitura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível na Internet em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/14770/1/Maria%20Aparecida%20Rodrigues%20Alves.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34. 2015.
- BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. *Diálogos com Bakhtin*. 4ed. Curitiba: Editora UFPR. 2007, p. 21–38.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2ed. rev. Campinas-SP: Editora da Unicamp. 2005, p. 87–98.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A Redação do Enem 2024: Cartilha do participante*. Brasília, 2024. Disponível em: <<https://download.inep.gov.br/publicacoes/>>

institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/a_redacao_no_enem_2024_cartilha_do_participante.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

CARVALHO, R. S.; FERRAREZI, C. *Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar*. São Paulo: Parábola, 2018. p. 79-80.

COSTA, L. R. *A questão da ideologia no círculo de Bakhtin: embates no discurso de divulgação científica da Revista Ciência*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2017.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. *INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Ministério da Educação. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem>>. Acesso em: 16 de abr. 2025.

GRILLO, S. Ensaio introdutório. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34. 2017, p. 7-79.

JARDIM, J.; CARVALHO, W. (Direção). 2001. Disponível na Internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=_I9l7upGoDI>. *Janela da Alma*. Gênero: documentário. Duração: 73 minutos. Produção: Brasil/França. Acesso em: 15 jan. 2025.

MASSAUD, M. *A literatura portuguesa*. 37ed., ver. e atual. São Paulo: Cultrix. 2013.

OLIVEIRA, L. A. (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial. 2013.

ORLANDI, E. P. Quando a falha fala de materialidade, sujeito, sentido. In: ORLANDI, E. P. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 3ed. Campinas, SP: Pontes Editores. 2016, p. 69–96.

SARAMAGO, J. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

SEDUC-PA. *Coerência Pedagógica Sistêmica na Implementação do Currículo*. Secretaria Adjunta de Educação Básica do Estado do Pará. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2024.

SILVA, T. C. da. *Ensino de literatura na educação básica: (des) aprendizagem, humanização e resistência*. Rio de Janeiro: Multifocal. 2018.

SOUZA, J. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: LeYa. 2016.

SOUZA, J. *A classe média no espelho: suas histórias, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil. 2018.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34. 2017.

Recebido em: 30/04/2025

Aprovado em: 13/08/2025

Licenciado por

